

CRUZ E SOUZA: SIMBOLISTA OU GÓTICO?

Arlindo Rodrigues da Silva

Antes de enveredar pelo caminho que leva a proposição de tal título, faz-se necessária a clareza do termo *gótico* aqui presente. Termo este que, ao longo dos séculos, foi significativo de diversos significados. Através da acepção do termo em nossos dias, tentarei traçar um paralelo entre o *comportamento gótico* e a poesia simbolista de Cruz e Sousa. Tarefa essa que ainda soa estranha aos meus ouvidos, acostumados à estaticidade das chamadas “escolas literárias”; idéia advinda do período de “formação” a que fui submetido.

Assim, sinto-me, como iniciante no estudo mais aprofundado da literatura, no dever de buscar a desmistificação dessa estaticidade e demonstrar que os períodos literários, embora substituídos ou suprimidos por outros (caso do Simbolismo, sufocado pelo Parnasianismo), continuam sujeitos de sua força geratriz e vagam pelo *continuum* à espera de serem moldados indefinidamente.

Desfrutando dessa fonte inesgotável, é que buscarei a aproximação dessas manifestações distanciadas, na linha do tempo chamado “real”, por quase um século.

Originalmente, o termo gótico é referente aos godos, uma confederação de tribos germânicas que invadiu o império romano por volta do século III d.C. Foram eles os primeiros povos germânicos a se converterem ao cristianismo. O uso do termo para designar a arquitetura medieval ou cristã, que antes fora chamada de *opus francigenarum* ou obra francesa, surgiu com os renascentistas para depreciá-la face à arquitetura românica a qual eles acreditavam, esta havia corrompido. Como os godos eram os bárbaros mais conhecidos, gótico ficou sendo o adjetivo para classificar a arquitetura cristã considerada então pelos renascentistas como bárbara. A pintura de manuscritos bem como suas letras ricas em detalhes, características desse período, também receberam o rótulo de *góticas*.

Na literatura, o termo foi usado para nomear as novelas de terror que exploravam a morbidez, o mistério e o horror melancólico; tendência esta surgida a partir de 1764 com publicação de “The Castle of Otranto” do inglês Horace Walpole. Dessa vez o uso do termo advém da ambientação das narrativas, que davam-se em

castelos medievais repletos de fossos, masmorras e passagens secretas. Nasciam assim, as novelas góticas.

Entre o final da década de 1970 e início da de 1980, a recessão na Inglaterra fez surgir uma onda de insatisfação geral entre a população, vítima do aumento da inflação e do desemprego. Nesse ambiente, a raiva e agressividade do movimento *punk* dão lugar à depressão, insatisfação e falta de perspectiva. Nessa atmosfera cinza e deprimente é que o termo *gótico* vai ressurgir para designar as bandas que começaram a apresentar letras carregadas de um romantismo anacrônico ou que remetiam às novelas góticas. Surge então uma tribo urbana, formada pelos seguidores de tais bandas, que vão buscar em autores como Baudelaire, Edgar Allan Poe e Byron, fonte para alimentar sua angústia e depressão. Trajando negro, essas figuras mórbidas espalharam-se pelas grandes cidades do mundo em busca do encontro que julgam o mais importante: o encontro consigo mesmo.

É no culto pelo mistério, na introspecção, na busca da transcendência, na identificação com a noite, na relação de intimidade com a dor, que vamos encontrar a relação entre a poesia simbolista de Cruz e Sousa e o *comportamento gótico*.

Assim como para os simbolistas “mundo e alma têm afinidades misteriosas”¹, para os góticos a relação com o mistério é bastante acentuada. Através dessa relação, encontram meios de evadir, de se soltarem das amarras da realidade. O culto do mistério, a busca pela essência da alma que paira em alguma dimensão etérea consiste para o gótico numa forma de buscar a sua individualidade e estabelecer seus limites de relação com o mundo. A preferência pelo mundo invisível ao visível, a tentativa de compreensão da vida pela intuição e pelo irracional, a exploração da realidade situada além do real e da razão², características simbolistas, podem ser aplicadas ao comportamento dos góticos que identificam-se com a definição de Baudelaire feita por Paul Bourget como sendo aqueles indivíduos “incapazes de encontrar seu lugar próprio no trabalho do mundo”³. Essa busca pode bem ser caracterizada pelos seguintes versos de *Antífona 4*:

1 CANDIDO, Antonio; CASTELO, José A. *Presença da Literatura Brasileira*. 3 ed. São Paulo: Difusão Européia, 1968, p.128.

2 COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura Brasileira*. 7 ed. Rio de Janeiro: Distribuidoras de Livros Escolares Ltda, 1972, p.217.

3 Idem, *ibidem*, p.214-215.

4 SOUSA, João da Cruz e. *Poesias Completas: broquéis, faróis, últimos sonetos*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997, Coleção Biblioteca Folha 26, p.25.

Infinitos espíritos dispersos,
Inefáveis, edênicos, etéreos
Fecundai o Mistério desses versos
Com a chama ideal de todos os mistérios.

Assim como o Simbolismo surgiu como oposição à técnica, ao artificialismo, à primazia pela estética do Parnasianismo, o comportamento que caracteriza o *movimento gótico* vem em oposição aos padrões estéticos vigentes no período de seu surgimento. Contra a artificialidade que julgavam haver na moda, na música e na forma de ver o mundo que consideravam cada vez mais decadente, os góticos assumiram uma postura estética e de comportamento contrárias às tendências então vigentes. Em lugar do colorido, trajes negros; em lugar da forma mascarada de ver o mundo, a melancolia explodia em canções arrastadas e depressivas. O sentimento de revolta derivado do *comportamento punk* mescla-se assim à melancolia, ao tédio e à falta de perspectiva produzindo um efeito de introspecção que levará o gótico a uma postura de desdém perante o mundo exterior, “lúcidos para com ‘a incurável máscara de seu destino’, pessimistas e individualistas ao extremo...”⁵ Apesar desta atitude de descrença, deste ceticismo perante o mundo, o gótico ainda mantém, internamente, um caráter que por vezes pode assemelhar-se ao religioso. Tal dualidade pode ser caracterizada pelo poema *Rebelado 6*:

Ri tua face um riso acerbo e doente,
Que fere ao mesmo tempo que constricta...
Riso de ateu e riso de budista
Gelado no Nirvana impenitente.

Flor de sangue, talvez, e flor dolente
De uma paixão espiritual de artista.
Flor de pecado sentimentalista
Sangrando em riso desdenhosamente.

Da alma de tranqüilo asceta
Bebeste, entanto, a morbidez secreta
Que a febre das insânias adormece.

Mas no teu lábio convulsivo e mudo
Mesmo até riem, com desdém de tudo,
As sílabas simbólicas da prece.

Esta faceta mórbida do gótico faz com que ele busque seus referenciais fora da realidade. Nesta busca mística, a da transcendência, os góticos entregam-se à

5 COUTINHO, Afrânio, Op. cit., p.214-215.

6 SOUSA, João da Cruz e, Op. cit., p.53.

subjetividade, à maneira simbolista importando “os estados de alma e destes somente os que podem ser conhecidos — os seus próprios” 7. Uma relação muito forte que se estabelece no percurso dessa busca é a afinidade que o gótico estabelece com a noite. Das

Sombras veladas e musselinosas
Para as profundas solidões noturnas 8

o gótico traça seu caminho rumo ao autoconhecimento.

Um ponto principal nessa trajetória demarcada pelo gótico é a relação de intimidade que estabelece com a dor. Para os góticos, essa relação propicia substrato suficiente para manterem-se em equilíbrio interno. Confrontando-se diretamente com a dor, adquirem confiança o suficiente para reafirmarem sua condição e avançarem na busca do impalpável, na ligação entre etéreo e concreto, na unificação entre corpo e alma. A poesia de Cruz e Sousa é rica também nesse aspecto, identificando-se uma vez mais com o comportamento assumido pelos góticos que como verdadeiros *acrobatas da dor* levantam-se sempre, guiados pelas “volúpias letais e dolorosas” 9 e seguem a “Bíblia fatal da dor insana” 10 “em ais, em luto, em convulsões, em dores...” 11

Apesar da cultura gótica apresentar várias facetas, não possuindo um modelo específico ou definido, as características anteriormente expostas são, ou deveriam ser, inerentes aos que se julgam detentores de tal alcunha. As relações entre o *comportamento gótico* e a poesia de Cruz e Sousa poderiam ser ampliadas e aprofundadas com resultados surpreendentes.

Sendo então o *gótico* uma miscelânea de tendências as mais variadas, unidas na formação de cada um que escolhe assumir tal comportamento, não é inconveniente que se reformule a questão presente no título: Cruz e Sousa: simbolista e gótico? A resposta a esta questão certamente facilitaria a compreensão do que foi o simbolismo e da importância da poesia de Cruz e Sousa por parte daqueles alunos que vislumbram tais manifestações como fatos isolados no tempo.

O estabelecimento de relações entre as “escolas literárias” e manifestações contemporâneas, isto é, pertencentes às atuais estruturas que formam o mundo que

7 COUTINHO, Afrânio, Op. cit., p.217.

8 SOUSA, João da Cruz e, Op. cit., p.52.

9 Idem, ibidem, p.50.

10 Idem, ibidem, p.100.

11 Idem, ibidem, p.50.

circunda esses alunos, certamente faria aumentar o interesse e lhes traria um maior entendimento da literatura. A partir de modelos acessíveis, torna-se fácil assimilar o que foi um movimento, escola ou tendência literárias e descomplicado, senão prazeroso, localizar sua influência, em maior ou menor grau, nas manifestações que marcam a nossa atualidade e quiçá influenciarão o comportamento futuro. É sobretudo essa característica da literatura de ser permanente e ao mesmo tempo mutável que deve ficar clara aos que lançam-se em mar de tão variados horizontes.